

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS



# CONIMBRIGA



VOLUMES XXXII-XXXIII-1993/94

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

Professora da Faculdade de Letras de Coimbra

O PALÁCIO, DO MUNDO MINOICO AO HELÉNICO:  
MITO E REALIDADE

«Conimbriga» XXXII-XXXIII (1993-1994), p. 57-74

**RESUMO:** As referências dispersas dos Poemas Homéricos à lenda do Labirinto de Creta e, sobretudo, a esperança de decifrar algumas tabuinhas numa escrita desconhecida levou, como se sabe, Sir Arthur Evans a fazer escavações sistemáticas em Cnossos. Contudo, tardou cerca de meio século a decifrar o Linear B e mais uns anos a identificar alguns nomes que pareciam relacionados com o velho mito. À medida que avançou o conhecimento de monumentos hititas e egípcios, surgiu a questão da possível relação dessa espécie de edifícios com modelos orientais, relação que tem sido posta em dúvida pelos maiores especialistas. Por outro lado, a teoria de Evans, de que Cnossos era um palácio real e centro administrativo, foi recentemente impugnada por Castleden, que supõe que era um templo administrado pelas sacerdotisas retratadas nos frescos. A autora discute estas teses novas e apresenta argumentos em contrário. Refere também as semelhanças entre os palácios micênicos e as descrições de *megara* em Homero, que têm levado a uma infundável discussão. Refere ainda algumas ruínas do séc. VI a. C., bem como o palácio representado no Vaso Francês. Os dados relativos ao período arcaico tardio e à época clássica constam de pinturas de vasos que ilustram cenas dramáticas e de diversas referências literárias dispersas em Píndaro e nos trágicos. Quanto aos palácios helenísticos, são agora mais bem conhecidos, especialmente depois das espetaculares escavações em Vergina. As de Pérgamo, se confrontadas com a descrição de Alexandria por Estrabão, mostram que, nessa época, os palácios se tinham tornado um símbolo de prestígio e de poder.

**SUMMARY:** The scanty references of the Homeric Poems to the legend of the labyrinth of Crete and, most of all, the hope of deciphering an unknown

*Conimbriga*, 32-33 (1993-1994), 57-74

writing led, as is well known, Sir Arthur Evans to excavate Cnossos in a systematic manner. Nevertheless, it took nearly half a century to decipher Linear B and still a few years more to identify some names apparently connected with the old myth. As knowledge of Hittite and Egyptian monuments progressed, the question arose whether that kind of building was related to Eastern patterns. This has been doubted by many leading scholars. On the other hand, Evans's contention that Cnossos was a royal palace and an administrative center has recently been challenged by Castleden, who thinks it was a temple under the administration of the priestesses portrayed on the frescoes. The present writer discusses these new theses and advances some arguments against them. She also refers to similarities between the Mycenaean palaces and the descriptions of the *me gara* in Homer, a subject which has led to a never ending discussion. A few ruins of the sixth century B. C. together with the palace represented in the François Vase are also mentioned. Vase-paintings showing dramatic scenes and several scattered literary references in Pindar and the tragics summarize the evidence concerning the Late Archaic and the Classical Ages. As to palaces in Hellenistic times, they have now become better known, specially after the spectacular excavations at Vergina. Excavations at Pergamon, when confronted with Strabo's description of Alexandria, show that by then palaces had become a symbol of prestige and power.